

**O AVESSE DO SILÊNCIO: AS FONTES DOCUMENTAIS DO ALTO SERTÃO
PARAIBANO NOS SETECENTOS**

Janice Correa da Silva

(Graduanda em Licenciatura Plena em História pela UFCG/CFP)

correa.janice@yahoo.com.br

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho

(Professor do Curso de História do CFP, UFCG)

osmarsf@uol.com.br

Na operação historiográfica, o necessário diálogo com as fontes.

O grau de interesse relativo à pesquisa em história tem sido elevado por parte de estudantes universitários que iniciam o curso de licenciatura e acompanham seu desenvolvimento, bem como por parte daqueles que o concluem, vislumbrando o caminho da pós-graduação.

Quando perguntados sobre o estágio atual de desenvolvimento referente aos estudos históricos, passamos a falar da proliferação da pesquisa histórica no Brasil com seus novos objetos e desafios, reportando-nos aos contextos maiores de produção historiográfica. No entanto, no que diz respeito ao nosso contexto mais específico, temos a percepção imediata de uma imunidade em relação a temas que possam ser viabilizados pela existência de fontes históricas disponíveis.

Daí nasce a nossa proposta de intervenção nessa realidade bem dispersa. Ela diz respeito ao garimpo e manejo de todas essas fontes históricas do Alto Sertão Paraibano para o conhecimento de um público interessado na construção da pesquisa histórica. Pela inexistência de um núcleo ou mesmo um setor de documentação em nosso Campus, propomo-nos a perscrutar esses registros, seus gêneros, seus textos

básicos e sua linguagem, querendo frisar a apresentação de um *corpus* documental para a referida área.

Entendemos que a contribuição acadêmica desse Projeto prende-se, dentre outras coisas, ao seu estatuto empírico, uma vez que se apresenta como um complemento substancial e condicional para a realização da pesquisa, remetendo-a a uma base estável, sólida, ao fornecer aos pesquisadores “o que se tem para pesquisar”, para viabilizar o fazer historiográfico; para estabelecer referências no diálogo com a teoria; para apresentar, de maneira pormenorizada, uma face significativa do real.

A relevância social de nossa pesquisa advém de nossa intenção em contribuir com o conjunto das discussões historiográficas sobre a Paraíba que são desenvolvidas na Academia. É com a exposição dessas fontes no espaço acadêmico e no espaço público, por meio de um trabalho de captação e divulgação, que poderemos atingir um patamar consistente para o desencadear da pesquisa histórica no Alto sertão Paraibano.

Portanto, a escolha de nosso tema é fruto de implicações que atingem a vivência profissional dos historiadores que querem conhecer o Alto Sertão Paraibano. Outrossim, nosso comprometimento na escolha do tema prende-se a uma grande motivação pessoal para dirimir essa questão. Acreditamos que, em uma vertente complementar de pesquisa, poderemos dotar os trabalhos de investigação histórica no Alto Sertão Paraibano, de um rico ornamento: a visibilidade das fontes, operando como meio concreto para a realização da pesquisa histórica.

Os documentos históricos e seus lugares.

O ofício ou, por outro lado, a prática científica do historiador requer um diálogo imprescindível com os atos e os testemunhos que podem nos falar da experiência humana no tempo: as fontes históricas. Sob a égide

de teorias e de considerações histórico-conceituais que balizam nossas investigações, as vozes do passado e do presente convidam-nos a visitar a ousadia e os limites de nossa própria atividade investigativa.

Em oficinas realizadas na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa Histórica Aplicada, Curso de História, Campus de Cajazeiras, UFCG – deparamo-nos com um documento de 936 páginas, tratando do julgamento, no ano de 1881, de Dona Anna Jocelina de Moraes e o Doutor Francisco José de Sousa – donos de uma fazenda em lugar denominado Livramento, na povoação de São João do Rio do Peixe, levado a inquérito na Comarca de Sousa, por promover maus-tratos a sua escrava Lúcia e ter responsabilidade sobre a morte do escravo Miguel.

A descoberta de documentos como este revela homens e mulheres em sociedade, projetando as dimensões específicas de suas vidas em uma sociedade escravocrata, depondo sobre as ações sociais, mentais e políticas; situando-as entre atos individuais e coletivos; revelando as motivações para tais atos, tais práticas e a consciência umbilicalmente ligada a esses atos, sua face humana, histórica; desencadeando identidades sociais e uma luta pelo posicionamento em torno dessas identidades. Esses documentos fazem com que percebamos a eficácia desse tipo de documento para a história social, da forma como situou Hebe Castro (1997: 45-59), falando-nos, consideradas as posições primeiras do historiador E.P.Thompson, de um permanente lugar de destaque para a história social, quando realizamos uma abordagem histórica.

Devemos considerar que as motivações que levam o pesquisador a privilegiar abordagens sócio-culturais, por exemplo, pode ser “estimulada”, se o mesmo se depara com documentos como os que citamos. É enganoso dizermos que poderemos realizar a pesquisa histórica sem nos depararmos com a materialidade desses documentos.

Onde eles estão? Qual o seu lugar? Onde garimpá-los? Essas perguntas parecem dar eco a uma simplicidade desconcertante, visto que grande parte deles estão acessíveis nos arquivos históricos, regularmente visitados por pesquisadores mais experientes, especialmente se tratamos de revistas, jornais e relatórios de presidentes de província, microfilmados em núcleos como o NDIHR (Núcleo de Documentação e Informação em História Regional, Bloco da Central de Aulas, Campus I, UFPB). No entanto, mesmo nos Institutos Históricos, nos Núcleos e Setores de documentação, nós sabemos, eles não estão postos de modo harmônico e homogêneo.

A roupagem institucional pode camuflar, porque legítima, uma imensa diversidade de documentos que ainda não conseguiram ser reunidos, documentos que não podem deixar os seus “lugares” de memória: igrejas (livros de batismo, por exemplo); cartórios (inventários, processos civis e criminais) etc. Apesar de gerar uma “estabilidade social” como nos fala Michel de Certeau (1982:70) a instituição determina-lhe uma condição, um assento, retirando-lhe do circuito público.

De que forma então buscar essas vozes dispersas?

Entendendo que, mapeando seus “lugares”, lançam-se bases para uma intensa prospecção, informação e intercâmbio; propondo uma forma possível de abordagem, de leitura e tratamento em níveis de agregação bem maiores que os atuais – consideradas as condições específicas do Alto Sertão – informando e estimulando a pesquisa pela história. Nesse sentido, alguns encaminhamentos básicos podem ser tomados: 1) localizar esses documentos e informar sobre seus “textos”; 2) estimular os pesquisadores a fazerem descrições “densas” – pelas informações primeiras que lhe forneceremos pelo fato-valor contido no documento – revelando nos mesmos o avesso do silêncio; 3) estimular a criação de “nexos” sobre os vários documentos localizados, objetivando sintonizar o pesquisador que está iniciando com a natureza diversa dos mesmos,

evitando a dispersão de seu esforço, propondo-lhe um meio privilegiado de observação; 4) lançar as bases – através da informação impressa e eletrônica – mais consistentes para a pesquisa histórica do Alto Sertão Paraibano, organizando um material informativo para o mundo acadêmico, especialmente na Universidade Federal de Campina Grande, inserida nesse tecido acadêmico e social.

É com esse propósito que queremos afastar a crise de referências documentais para a pesquisa histórica no Alto Sertão, dirimindo impasses iniciais na escolha de uma história, promovendo aberturas, fazendo confluir interesses diante de um conhecimento que terá “possibilidades” concretas de ser produzido, principalmente se considerarmos as vertentes diversas da “nova história”, incluindo a sua ancestralidade, que não negligencia os vários tipos de evidência como nos coloca Peter Burke (1992, p.25) na medida em que busca novos tipos de fonte.

Na tentativa de executar este trabalho de “levantamento das fontes do Alto Sertão Paraibano”, conjugamos fontes diversas como inventários, processos crimes, processos civis os mais variados, fontes de natureza iconográfica; livros de compra e venda de escravos, livros de batismo etc. Trata-se de saber onde estão, qual a sua historicidade, qual o seu texto de cultura como nos fala Juan Lozano, uma vez que encontramos os textos dotados de linguagens: “La palabra aparece como el primer elemento de la cultura, mientras la cultura se presenta como una cantidad de palabras (de textos) (LOZANO, 1987, p.96).

Num campo mais vasto e mais articulado, que tipo de pesquisa poderíamos construir com essas fontes? Quando nos deparamos com inventários do século XIX e seu conteúdo: nível de riqueza em ouro, prata; bens móveis e imóveis; bens semoventes como escravos, realizamos sua transcrição, fazemos um resumo e o colocamos em uma ficha técnica inferimos muito mais do que perguntamos.

O processo de descoberta de novos inventários pode nos trazer textos específicos, dotados de algumas nuances e informações privilegiadas, uma vez que os inventários são extraídos de um campo humano e social muito amplo, ora ocultando, ora explicitando informações e significados consideráveis.

O importante é deixar claro que a revelação dessas fontes informará sobre as possibilidades existentes de nossas pesquisas. Explicitar essas fontes ao olhar do pesquisador é abrir janelas para o fazer historiográfico, influir no curso dessa produção, imprimindo pegadas que desenham trilhas de acesso a uma escrita, trilhas de acesso a um “tempo” que segundo Reinhart Koselleck está na diferencia entre el pasado y el futuro o, dicho antropológicamente entre experiência y expectativa (KOSELLECK, 1993, p.15), marcando ritmos de objetividade e subjetividade, incorporando horizontes biográficos e extrabiográficos, dados no transcurso de generalizações. Portanto, o espaço histórico da experiência subsiste no documento, que é “temporal”, podendo indicar a profundidade de algumas trilhas.

Dessa forma, defendemos com convicção a exposição dessas fontes e seus textos específicos, entendendo que estamos lutando por sua democratização e sua redenção, tendo como premissa o diálogo sempre necessário entre o historiador e as evidências.

Referências:

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A Escrita no Brasil Colônia**: um guia para a leitura de documentos manuscritos. Recife : UFPE : Fundação Joaquim Nabuco : Massangana, 1994.

ALVES, F.J. da Costa. **Fatores de Crescimento das Cidades do Sertão Paraibano**, Rio de Janeiro: UFRJ, Mimeo, 1978.

- ARON, Raymond. **Dimensiones de la Conciencia Historica**. México : Fondo de Cultura Económica, 1992.
- BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã**, um estudo das elites do século XVII. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo : UNESP, 1992.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Org.). **Passados Recompuestos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro : Editora UFRJ : Editora FGV, 1998.
- CASTRO, Hebe. “História Social” In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro : Campus. 1997. p. 45-59.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de & SCHNOOR, Eduardo (Organizadores). **RESGATE**, uma janela para o Oitocentos. Rio de Janeiro : Topbooks, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. RJ: Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, artes de fazer. Petrópolis : Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**, cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- FALCON, Francisco. “História e Política” In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro : Campus. 1997, p. 61-89.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HOLLINGSWORTH, T.H. **Demografía Histórica**, como utilizar las fuentes de la historia para construirla, México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**, para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona : Buenos Aires : México : Ediciones PAIDOS, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, 2ª edição, Campinas: São Paulo: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios), 1992.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

LOZANO, Juan. “ El Documento Historico: de informacion sobre el pasado a texto de cultura” IN: **El Discurso Histórico**. Madrid : Aliança Editorial, 1987.

MARIZ, Celso. **Apanhados Históricos da Paraíba**. 2ª ed., João Pessoa : Editora Universitária/UFPB, 1980.

Ulpiano T. Bezerra de Menezes. “A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações” IN: SILVA, Zélia Lopes. **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo : Editora UNESP : FAPESP, 1999, (Seminários & Debates), p.11-29.